

A (re)descoberta da cultura no concelho de Mértola

Será uma presunção falar de cultura num concelho em que a percentagem de analfabetismo ronda os 42 por cento? Juígo que não. Há que investir nesse campo, tendo em mira a juventude, seguramente mais apta a receber essa semente do que às gerações anteriores. Ora, no concelho de Mértola não se pode dizer que persiste uma forte tradição cultural, se entendermos cultura no sentido de «expressão popular» com raízes profundas. Algo, todavia, se mantém. O dever dos animadores será salvar o que resta, recuperar o que parecia perdido.

Roçar, de algum modo, o que a aculturação, produzida pelas máquinas propagandísticas de uma sociedade que lende para a uniforme, interrompeu, olhou. Impõe-se, portanto, uma terapêutica. Essa, pois, a tarefa dos sectores culturais autárquicos para que um património tão valioso não se dissolva. «Pretendemos estimular o apetite cultural das pessoas...» diz Jorge Pulido Valente, vereador da Câmara Municipal de Mértola.

Com eleito havia um projecto, uma estratégia a seguir – plano traçado por Serrão Martins, o presidente falecido num desastre de aviação. Uma equipa de colaboradores rodeava-o, lunctionando com coesão e acerto. Foi no âmbito desse projecto que se partiu para as escavações arqueológicas. Como consequência dessa iniciativa surgiu o museu. A inexistência de um museu era lacuna grave na vida de Mértola, já que dispunha de recursos para a sua constituição.

Descobertas interessantes foram feitas, nomeadamente uma coleção de cerâmica do período califal, fabricada segundo o método «corda seca» que consiste na separação dos vários esmaltes por um cordão de manganes ou de gordura. A sua introdução na Península Ibérica remonta ao século XI... Bem o museu começo a compor-se com base no material encontrado na necrópole de Alcáçova e na basílica paleo-crisíata.

Museu

No mesmo edifício formou-se um outro museu, este de «arte sacra», graças à recolha efectuada nas igrejas do concelho. Algumas das imagens, alacadas de caruncho, pareciam à primeira vista irrecuperáveis. Todavia, submetidas a um processo de tratamento, mérito para a francesa Monique (especialista em restauração e conservação de madeira pintada), figuram agora

no património artístico que Mértola tem para mostrar. As escavações e a recolha de objectos tem apaixonado alguns sectores de juventude de Mértola. Intuitivamente dava-selargos ao imaginário, colhendo-se ensinamentos que na escola se algoravam áridos e sem préstimo. Toda uma literatura de aventuras e tesouros vinha à lembrança, provocando alvoroço e temor no acto de revolver a terra. Com que iremos deparar?

Generalizada a ideia do meu, «gente de todo o concelho vinha entregar, à Câmara, peças de artesanato e material etnográfico, coisas, até aí, consideradas inúteis» – elas o que conta Jorge Pulido Valente. Em 1982, arranca-se para uma redescoberta: a tecelagem do concelho. Sabia-se de quem ainda confeccionava, no loar, manjas e colchas, coisas que, esporadicamente, ainda se viam nas feiras de Castro Verde e Mértola.

O ofício de tecelagem, oulora bastante generalizado no concelho, com a concorrência do fabrico industrial, tornou-se raro. Apenas algumas mulheres ainda a ele se dedicavam, em cumprimento das encomendas que lhes faziam. Em regra, a concentração de teceladeiras verificava-se nas zonas do concelho mais pobres – de serra, ásperas – onde a pastorícia era a única hipótese de sobrevivência.

S. Pedro de Solis é um desses centros, embora actualmente esteja reduzido a duas ou três teceladeiras. Assunção Joaquina Revez, de 73 anos, por exemplo, ainda não abandonou o ofício. Especializou-se em colchas leidas com linho, material nobre, e linha. Trabalho oneroso, de meses, que exige experiência e alguma criatividade. «Satisfação encomendas... para pessoas de Lisboa, Beja e Algarve. Uma colcha importa em quinze contos...»

Maria Teresa, de 42 anos, tece manjas que vende por mil escudos, aos feirantes. Em três dias fá-las: com barras, nos tons de castanho, branco e bege, as cores naturais da lã. Uma manja exige três a quatro quilos da lã de ovelha. No entanto, não descobre a confecção das manjas «linas», do tipo olho de perdiz, montanha, fusia e amendoinha, os diversos padrões tradicionais. «A Câmara já me propôs o ensino deste ofício, a fim de que o conhecimento não se perca...»



A juventude fascinada pelas arqueologias

Pelo que apurámos, a tecelagem é o elemento cultural mais forte das comunidades agro-pastoris serranas, no concelho de Mértola. «Tudo domnia / Só eu cantava / A dobrada / Tudo doava», cantiga que versa a profissão de teceladeira. Na opinião do arqueólogo Cláudio Mar-

tins, existem pontos de contacto entre as mantas a que nos referimos e os principios decorativos que regem algumas sociedades berberes do Norte de África.

Ornamentos constantes nos trabalhos de tecelagem, madeira e barro. Esta tese assenta, em

parte, nas descobertas feitas no Campo Arqueológico de Mértola.

É o pendor para a geometria dos árabes, herança legada às populações da serra alentejana e algarvia que, peggem, sem limites de separação. «Uma cultura abruptamente interrompida com a chegada dos cavaleiros de Santiago à foz do Guadiana», concil Cláudio Martins.

Incidindo na acção cultural da Câmara Municipal de Mértola, há que destacar um propósito de animação estimável. «As pessoas só se divertiam nos bailes e festas anuais de cariz religioso... Entretanto, criámos um grupo de teatro, dinamizámos o desporto e tentámos animar as sociedades recreativas do concelho que eslavaram adormecidas» – afirma Jorge Pulido Valente.

Com eleito, um levantamento conscientemente elaborado, «descobriu» 42 sociedades recreativas, entre as quais sobre-sai a 1.º de Dezembro, de Mértola, que se limitava «a ser um local de baile», onde a entrada a mulheres e crianças era, por assim dizer, interdita. Hoje, toda a gente la entra. Consulti um sítio agradável, janela para o rio e um serviço de café bem montado, que fecha por volta das duas horas da noite. Assim, a população usufrui de mais um espaço de convívio.

Por outro lado, a Câmara está atenta à exibição de filmes. Dentro do possível orienta o gosto, evitando a passagem de um cinema marcado pelo karaté e a pornografia «tout-court».

Também fizemos cursos de iniciacióptografias de que resultou uma exposição. «O progresso nos povoados mais pobres, alentejana de Mértola, só se deu com convívio com outras populações, pobres e ricas...»

Assem Val, a cultura no distrito de Mértola. Com permanência, as apalhadeiras. «Val, pensando devagarinho. Sem braços, invejo de si no futuro – supomos que a via é correcta».

Lourdes Ferreira



Uma das raras teceladeiras que ainda resta...

Diário de Lisboa
LISBOA

Data: 27/10/84